

# Receita infalível

*Faculdade de Farmácia da UFG reinaugura o seu laboratório-escola de análises clínicas, dentro de padrões profissionais, com dinheiro emprestado. Para pagar o empréstimo, ele firmou convênios com o SUS e entidades privadas. O laboratório-escola atende a uma média de 150 pessoas, ao dia.*



FOTO: Cleide Vilela

Laboratório, resultado de criatividade

Uma boa dose de coragem, outra de criatividade. Está pronta a receita para aquecer o ensino farmacêutico nas faculdades. A receita, de um lacônico telegráfico, é ainda indicada para implodir certos comodismos e velhas fórmulas abrigadas dentro de paredes universitárias. A Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás vem experi-

mentando, com sucesso, essa receita. Com ela, saiu, de sua última fornada, a reconstrução do Laboratório Escola Rômulo Rocha de Análises Clínicas, um projeto de ensino audacioso e de alcance social. Ainda neste semestre, será inaugurado, ali, o laboratório da Unidade Integrada de Farmacocinética (UIF), em convênio com o Instituto Melon de Estudos e

Pesquisas (Imep). Será um dos mais equipados laboratórios para teste de bioequivalência do País (ver matéria "Tecnologia no coração do Brasil", à página 32).

O laboratório-escola, confortavelmente instalado nos seus 410 metros quadrados de área útil, tem o objetivo de proporcionar o desenvolvimento da disciplina Estágio Supervisionado, com altíssima qualidade, aos acadêmicos da Farmácia que se especializarem nas análises clínicas. Ele foi construído, seguindo norma de bio-segurança, e recebeu aprovação da Vigilância Sanitária de Goiás. "Ele é um laboratório-escola modelo", garante a sua coordenadora e professora de Bioquímica Clínica da Faculdade de Farmácia, Eula Maria de Melo Barcelos Costa.

O Rômulo Rocha faz exames de rotina, como hemograma, dosagens bioquímicas em geral, citologia clínica, dosagens hormonais, marcadores tumorais e, brevemente, lidará com biologia molecular. O laboratório está totalmente informatizado, mas, por ser escola, mantém, entre os seus equipamentos, aqueles tradicionais. A explicação para isso é da professora Eula: "Depois que se formar, o novo farmacêutico-bioquímico poderá não dispor de recursos para montar um laboratório totalmente informatizado, ou pode ir trabalhar, no interior do País, em pequenas cidades, onde os recursos técnicos do laboratórios são os tradicionais".

O nome do laboratório (Rômulo Rocha) vem de um dos fundadores da Faculdade de Farmácia da UFG, em 12 de outubro de 1945. A primeira turma de formandos foi diplomada, em dezembro de 1950.



Prof. Radif Domingos, diretor da Faculdade de Farmácia da UFG

Àquela época, a Faculdade ainda era ligada à de Odontologia (Faculdade de Farmácia e Odontologia). Ambas foram a *célula-mater* da UFG, no *campus* de Goiânia. A Universidade já existia, na antiga capital do Estado, Goiás Velho, com o curso de Direito. O desmembramento somente veio ocorrer, em 1967.

Quatro anos depois, foi criado o Laboratório Rômulo Rocha, pelo então presidente do Centro Acadêmico da Faculdade, Radif Domingos. Mas o laboratório queria dar vãos mais altos – mudar para uma sede maior e mais apropriada e adquirir equipamentos avançados. Foi, aí, que o mesmo Radif Domingos, já diretor da Faculdade, operou o “milagre”, valendo-se da receita da coragem e criatividade.

O diretor foi atrás dos recursos para reconstruir o laboratório. Tomou, por empréstimo, R\$ 180 mil da própria UFG, através da Fundação de Apoio à Pesquisa (Funape). Como pagar o empréstimo? Com a produção do próprio laboratório. Aí, entra a criatividade. O Rômulo Rocha firmou um convênio com o SUS e entidades particulares. Pelo primeiro convênio, atende a cerca de 100 pessoas, ao dia. Para se ter uma idéia da procura, a agenda do mês de maio estava totalmente lotada, já em abril. Os convênios particulares foram fe-

chados com o Ipasgo (Instituto dos Servidores do Estado de Goiás), com a Prefeitura Municipal, com a Associação dos Docentes do Estado, o que aumenta em mais cerca de 50 o número de atendimentos/dia. Ressalte-se que o laboratório vai atuar em conjunto com o UIF, nos testes de bioequivalência.

Esses números dão uma movimentação enorme ao laboratório, que é exatamente aquilo que os estudantes de Farmácia vão encontrar, lá fora, já formados. O Rômulo Rocha é um lugar atraente, arejado, confortável, tanto para os farmacêuticos-

bioquímicos que nele trabalham e para os acadêmicos que fazem estágio, quanto para a clientela atendida. Recentemente, o laboratório recebeu o certificado da Sbac (Sociedade Brasileira de Análises Clínicas) com avaliação de “excelente”.

O laboratório não é o único grande ganho da Faculdade de Farmácia da UFG. Os alunos contam com três outros laboratórios de *campus* avançados em Picos (PI), Porto Nacional (TO) e em Firminópolis (GO). Neles, acadêmicos de Farmácia atuam conjuntamente com acadêmicos de Medicina, Enfermagem e Odontologia, em ações de equipes multiprofissionais de saúde.

Em 1996, a Faculdade conquistou a sua Farmácia-Escola, o laboratório para a produção de saneantes e acaba de concluir a implantação do laboratório para teste de bioequivalência, em parceria com o Instituto Melon. Outra aproximação é com o Pólo Farmacoquímico de Anápolis, a quem vai prestar serviços na área de controle e qualidade de medicamentos. A Faculdade já possui três cursos de especialização: homeopatia, citologia, hematologia. Com o apoio do Conselho Federal

de Farmácia, estará implantando outra especialização: a farmácia hospitalar. O próximo desafio será a implantação dos mestrado e doutorado.

Por trás de tudo isso, está a figura do desbravador Radif Domingos, um goiano filho de pai libanês com mãe do interior de Goiás. Professor da Faculdade de Farmácia, desde 1978, e diretor, a partir de 1988, Radif tem uma explicação para esse seu jeito impaciente de quem quer transformar tudo, o tempo todo, dentro da Faculdade: “É paixão pela Farmácia. E só”.

Ele tem uma previsão para a profissão: “Neste século, a humanidade vai reconhecer o verdadeiro valor do farmacêutico, porque o mundo é cíclico e, dentro dessa ciclagem, o primeiro profissional de saúde que a humanidade teve foi o farmacêutico. Era o início de tudo e ele só conhecia a fitoterapia, coisa que aprendeu, observando o comportamento dos bichos em relação às plantas. Aí, vieram os pajés, os curandeiros, os alquimistas, até chegarmos no farmacêutico. Hoje, temos uma série de acontecimentos que está abrindo um novo ciclo que se



Profª Eula Melo, coordenadora do Laboratório Rômulo Rocha

conspira em favor do farmacêutico brasileiro: a falsificação do medicamento, os genéricos etc. E a sociedade novamente entenderá que não pode viver sem o farmacêutico”.